

dos castigos aos príncipes rebeldes e ingratos.

O Poderoso Senhor, no entanto, dedicava muito carinho à escola e muito amor aos filhos queridos.

Ambas as propostas estavam em estudo, quando outro cooperador perguntou se não seria mais razoável tratar a questão pela justiça. Não seria justo tentar medidas de muito carinho, porque os príncipes se mostravam endurecidos, mas também não convinha corrigi-los com excessivo rigor, em vista de serem jovens com reduzida experiência da vida.

O Rei Sábio e Generoso considerou a ideia excelente e com aprovação geral deliberou aplicá-la.

Finda a reunião, enviou dois juízes para acompanharem permanentemente os príncipes; o primeiro encarregava-se de fazer as retificações possíveis e o segundo estaria incumbido de conduzi-los à presença paternal, para julgamento necessário em momento oportuno.

— /// —



XV

O primeiro Juiz

OBEDECENDO às ordens do Pai Amoroso e Justo, o primeiro juiz aproximou-se dos príncipes, efetuando as corrigendas possíveis.

Os descuidados herdeiros do Grande Rei não lhe observaram a chegada de modo direto, mas sentiram-lhe a presença nas atividades comuns. Retificando os caminhos dos aprendizes, o primeiro juiz era obrigado a fazer muitas coisas desagradáveis, como o pedreiro amigo e cuidadoso que, para tornar a pedra útil, é forçado, muitas vezes, a espancá-la com o martelo.

Numerosos príncipes e princesas começaram então a reconhecer que andavam em caminho errado. Muitos concluíam que fazer inimigos não representava prazer; que, afinal de contas, havia um poder muito mais alto que o

deles, governando o Universo. Grande parte modificou a vida.

Em verdade não viam com os olhos do corpo o emissário que o Soberano lhes mandara. Entrementes, o primeiro juiz trabalhava sem cessar, acordando-lhes a consciência adormecida. Obrigou-os a meditar nas origens divinas da Escola, estimulou-lhes a curiosidade, a fim de reconhecerem que se encontravam de passagem no educandário maravilhoso e fê-los olhar a luz celeste em que se banham os impérios resplandecentes do Poderoso Senhor, para que se sentissem menos vaidosos e mais aplicados ao estudo e ao trabalho cotidiano.

Desde então, os príncipes encontraram no primeiro juiz um educador de primeira ordem e um companheiro admirável para a jornada de retorno às leis do Amoroso Pai.

— /// —



XVI

O segundo juiz

O trabalho do segundo juiz era mais difícil, mais doloroso. A missão do primeiro julgador perdurava até ao instante em que os príncipes eram obrigados a deixar o uniforme envelhecido ou roto. Aí então começava o serviço do segundo. Ele devia mostrar aos filhos ingratos o erro em que se haviam comprometido, com toda a franqueza, depois de encerrada a oportunidade de serviço e estudo.

Os herdeiros do Grande Rei, todavia, quando foram entregues ao segundo julgador, a fim de receberem a verdade e a luz para tornarem aos braços paternos, estavam com os olhos cheios de treva e as mãos tintas de sangue, os pés revestidos de lodo e o coração cercado de espinhos, mormente todos aqueles que haviam fugido ao auxílio do pri-